

Às margens do

SLAM

revista  
mangues  
& letras

08 de março de 2021  
Número 15  
ISSN 2236 9570



## Expediente

**Editora Responsável:** Tânia Lima

**Organização e seleção de texto:**  
Kleiton Sousa, Itamara Almeida

**Programador:** Jhonny Silva

**Imagem da capa:** Sarah Esli

**Imagem da contra capa:** jhonnysilvaff

**Contato - e-mail:** manguesletras@gmail.com

## Conselho Editorial

Abdoul Savadogo (Burkina Faso); Alberto Mathe (Moçambique); Amarino Queiroz (RN); Ana Cláudia Guaberto (PB); Anória Oliveira (BA); Assunção Sousa (PI); Carlos Negreiros (RN); Dionísio Bahule (Moçambique); Elio Ferreira (PI); Francly Silva (PB); Itamara Almeida (RN); Izabel Cristina Teixeira (CE); Izabel Nascimento (RN); Jhonny Silva (RN); Kleyton Sousa (RN); Lepê Correa (PE); João Paulo Pinto Có (Guiné-Bissau); Jucely Regis (RN); Luciano Justino (PB); Malu B. (CE); Manuel Cástomo (Moçambique); Maria Aparecida de Matos (TO); (RN); Roland Walter (PE); Rosilda Alves Bezerra (PB); Sebastien Joachim (Canadá); Suely Souza (RN); Tânia Lima (RN); William Ferreira (Guiné-Bissau).

## Colaboradores

Bagdá Mc, Bárbara Maria, Bell Puã, Caboco, Carla Cecília, Carlos Guerra, DHDL, Douglas, Eva rocha, Gaby Varela, Ju Nayd, Itamara Almeida, Kleiton Souza, Larissa Galvão, Laro Moon, Leoá Barbosa, Magi, Mark silva, NegrAnória d'Oxum, Nigro, Rosy Nascimento, Stéphanie Moreira (Mamba Negra), Telam Rodrigues, Tom Mosaico.



Imagem: [Poetry Slam klein\(1\) - la Vorágine \(lavoragine.net\)](#)



## Editorial

### ***SLAM POETRY: A ESTÉTICA DE UM INSTANTE***

Do inglês o termo *slam* refere-se a um grande barulho, uma grande batida. Desde quando surgiu com Marc Kelly Smith, nos EUA, o termo *slam poetry* ou apenas *slam*, no meio da poesia, é usado para nomear as competições de performances poéticas com especificidades e regras próprias.

Em linhas gerais, as regras das batalhas seguem as criadas pelo “fundador” dos *slams*, Marc Kelly Smith: se inscrever na hora com quem tiver puxando o evento, chamados *Slammaster*; os poemas precisam ser autorais, o tempo máximo para a apresentação é de 3 minutos, passando desse tempo há penalizações; não podem ser usando adereços, acompanhamentos musicais, cenário e figurinos para as performances. É apenas o/a poeta e sua voz, seu corpo em performance. Os poemas podem ser lidos, mas como a avaliação é pelo conjunto do desempenho o mais comum é que os participantes tenham os textos decorados para melhorar a performance que será julgada por um corpo de júri, geralmente cinco, composto pelos presentes.

Embora essas sejam as regras originais, há alterações para melhor se adaptarem as realidades e para melhor contemplar certos grupos. No Brasil, por exemplo, há um *slam* específico para as mulheres, chamado *Slam* das Minas, surgiu em Brasília por uma demanda das pautas específicas para as mulheres e tem se espalhado por outras regiões do país.

Os *slams* constroem laços de pertencimento, redes de articulações nacionais e internacionais que possibilitam expressão artística e cultural das periferias na qual se sobressai performances encharcadas de conteúdos políticos reivindicatórios, mas que também delineia uma estética da periferia, estética oral, mas também escrita que presa e valoriza a linguagem, os corpos e a sociabilidade de uma parcela de pessoas pouco assistidas pelo Estado brasileiro. Mas, apesar das adversidades, escancaram o óbvio: a periferia é também lugar de arte, de sentido, de expressões culturais. Assim, ressignificam a periferia e os moradores dela.

*Itamara Almeida*



## ENTREVISTA COM A ESCRITORA BELL PUÃ

*[...] É que pra vocês nós é caricatura*

*Não importa de onde eu venha*

*Me chamam paraíba*

*me respeita, boy*

*Sou da terra de Capiba*

*Mestre Vitalino, Paulo Freire, Manoel Bandeira,*

*brega, frevo, coco, maracatu*

*cultura popular pulsante*

*Lia de Itamaracá, Luiz Gonzaga lá do Exu,*

*Pernambuco*

*só dá tu!*

(PUÃ, 2019, p. 63)

1. Inicialmente, eu gostaria de saber um pouco sobre você: Quem é Bell Puã?

sou Isabella Puente de Andrade, pernambucana, criatura que cria, mãe que se reinventa, mestre em história pela UFPE.

2. Me conte um pouco sobre suas duas obras já publicadas: *É que dei um perdido na razão* (2018) e *Lutar é Crime* (2019). Um pouco de suas influências. Dos elementos que diferenciam e/ou aproximam essas duas obras e o que mais você queira nos contar.

É que dei o perdido na razão é uma compilação de poemas de amor, minha maior referência nessa criação foram os poetas Fred Caju (PE), Patricia Naia (PE) e Felipe Marinho (SP), enquanto que em Lutar é Crime, minha maior influência foi Marcelino Freire (PE), que inspirou o título e também faz o prefácio do livro. São obras bem diferentes em sua composição e temática, em Lutar é Crime predominam poemas de afromentamento e autoconhecimento.

3. Quais os desafios de uma jovem escritora pernambucana em publicar suas obras?

As inseguranças e o mercado editorial.

4. E como sabemos, as mulheres são bastante invisibilizadas na sociedade de um modo geral, pois o Capitalismo conserva o Patriarcado e Racismo para sua sustentação. Na literatura não é diferente. Como você enxerga essa questão de ser uma mulher negra e escritora no Brasil?

Enxergo vários obstáculos, o sexismo, o racismo, o descuido com a leitura no nosso país... mas assim como as que vieram antes como Carolina de Jesus, Conceição Evaristo, Elisa Lucinda, seguimos...

5. Falando nisso, quais escritoras negras você destacaria no cenário contemporâneo da literatura brasileira?

Amanda Timóteo, Patricia Naia, Lilo Araújo, Bione, Luna Vitrolira, Dayane Rocha



6. E quando você para pra pensar na sua escrita, quais foram as mulheres que influenciaram você?

As mulheres que fizeram parte da minha criação e educação, minha mãe, minha irmã, tia, avós, amigas. Mulheres escritoras, Patricia Naia, Luna Vitrolira, Hilda Hilst, Toni Morrison, Conceição Evaristo, Carolina de Jesus;

7. Muitos escritores e escritoras costumam definir os motivos que os levaram a escrever. O também pernambucano, Marcelino Freire, por exemplo, diz escrever “pra se vingar”. E você? O que te motivou a escrever?

Acho que pra me vingar também, e me encontrar.

8. Estou partindo do pressuposto que, atualmente, você está bem familiarizada e alinhada ao que alguns estudiosos vêm denominando de literatura marginal/periférica. Como conheceu essa literatura?

Conheci indo aos saraus no bosque da UFRPE;

9. Na sua opinião, qual a importância dessa literatura na contemporaneidade?

Provocar questões que a literatura canônica sempre esteve longe de levantar, como o racismo, classismo, por exemplo;

10. A literatura possui muitas disputas de discursos, de legitimidade e de ocupação de espaços simbólicos. Há sempre tensionamentos desses lugares simbólicos. Em que lugar de disputa você vê a literatura marginal/periférica de autoria feminina?

Penso que disputamos falar por nós mesmas, através da nossa própria voz, questões muito íntimas às mulheres negras e/ou periféricas. não sei se entendi bem a pergunta.

11. A literatura marginal/periférica costuma extrapolar os limites da caneta, ou seja, transgredir esse universo apenas da escrita. Há, atualmente, uma crescente em todo o país de "espaços extraliterários" (NASCIMENTO, 2009) como os saraus e os *slams*. Você foi ganhadora do *Slam/BR* 2017 e representou o Brasil em Paris, no campeonato mundial de *slams*. Como conheceu os *slams*? como começou a competir?

Conheci em 2016, vendo vídeos do Slam Resistência. Comecei a competir em 2017, quando rolou o primeiro Slam das Minas PE.

12. Pode falar um pouco sobre os *slams* de modo mais geral? "Origem", influências, como chegou ao Brasil, em que ano... e o que mais achar pertinente para as pessoas entenderem melhor sobre os *slams*.

Os *slams* fazem parte do movimento Hip Hop, iniciado nos ghettos norte-americanos, à exemplo do Bronx. “Slam” é a onomatopeia estadunidense pra o som de um tapa. Sei que o slam chegou ao Brasil através de Roberta Estrela D’alva.

13. Na sua opinião, qual tem sido o papel e a importância dos *slams* no Brasil?

Provocar questões, estimular a autoestima de pessoas negras e periféricas...

14. E me fala sobre a importância da especificidade dos *slams* só de mulheres, o *Slam* das Minas que tem se expandido para vários estados brasileiros, inclusive Pernambuco.

É importante porque nos *slams* mistos geralmente os homens monopolizavam a cena, muitas vezes com versos machistas,



desrespeitosos. é importante ter um espaço onde as mulheres se sintam à vontade pra recitar

15. Sabemos da influência da cultura *hip-hop*, em especial, do *rap* nos *slams* (e na literatura marginal/periférica como um todo) e sabemos também que esse ainda é um espaço majoritariamente masculino, isso tem implicações nos *slams*? como? Como as mulheres que participam dos *slams* tem enfrentado essa questão? A criação de um *Slam* específico para as mulheres é uma das respostas?

Creio que a resposta 14 também é dessa pergunta...

16. Há alguma diferença das influências dos *slams* no Nordeste? Vou reformular: sua escrita e suas performances valorizam muito a cultura nordestina, por exemplo. A cultura popular nordestina, o repente, a embolada, pode ser considerada também como suas influências e mesmo influência dos *slams* no Nordeste?

Sem dúvida, o repente, a embolada, são todas referências pra poetas dos *slams* daqui

17. Você é muito performática ao recitar seus textos. Como é trazer essa performance para dentro de sua escrita?

Sinto ser parte do processo de comunicar o poema, agregar feições e trejeitos à escrita

18. Você é também dançarina, certo? Isso facilita para apresentar seus textos nos espaços de *slams*?

A dança foi um grande espaço de descoberta pra mim, de desinibir meu corpo. facilita porque a dança me deu mais segurança de mim mesma

19. Quais as suas perspectivas nesse universo da literatura, dos *slams*? Já tem projetos futuros? Já pode falar deles para nós, considerando o contexto atual brasileiro desse (des)governo Bolsonaro?

Adianto que meus novos projetos são em música, no rap. breve vem novidade aí!

20. Há alguma coisa que eu não lhe perguntei nessa breve entrevista que você gostaria de falar?

tô satisfeita com o questionário :) obrigada pela atenção

*Entrevista elaborada por Itamara Almeida. Graduada em Letras pela UERN e mestra em Literatura e Interculturalidade pelo UEPB/PPGLI.*





Rima Central (Slam) – Natal/RN - 2019  
Foto por: Jéssica Mayara



## Vida Real

Não tem consciência de Classe

Não tem consciência de base

Não tem consciência da sociedade

Não têm consciência da realidade

Aonde vai doutor

Com toda essa tirania

No jornal que minha mãe vê

Todo dia é uma Maria

Morta, assassinada, esfaqueada, esquartejada

Todo dia é sangue

Que manja minha periferia

Pergunto!

Quantas Marielles

Ainda vão ter que morrer

Todo dia é uma luta

Pra poder tentar viver

Ou esse jogo não aparece

No seu programa de TV?

Isso não é ficção

Isso é realidade

Você não tem a visão

Do que é sociedade

Preocupado com a novela

Síndrome de Cinderela

E pra nós que é da favela

Fecha os olhos pra não vê



Liga a porra do jornal  
No quadro policial  
Veja esse Bang Bang  
Aqui da vida real  
Escuta que eu tô avisando  
Você não tá querendo me ouvir  
Não escuta o procedê  
Diz que é mimimi  
Quando a bomba estourar  
Buum!  
Tu vai cair  
Quando a perifa se juntar  
Bozo seboso  
Tu vai cair.

Não tem consciência de classe  
Não tem consciência de base  
Não tem consciência da sociedade  
Não tem consciência da realidade

Eva Rocha - Cabocla de Jurema

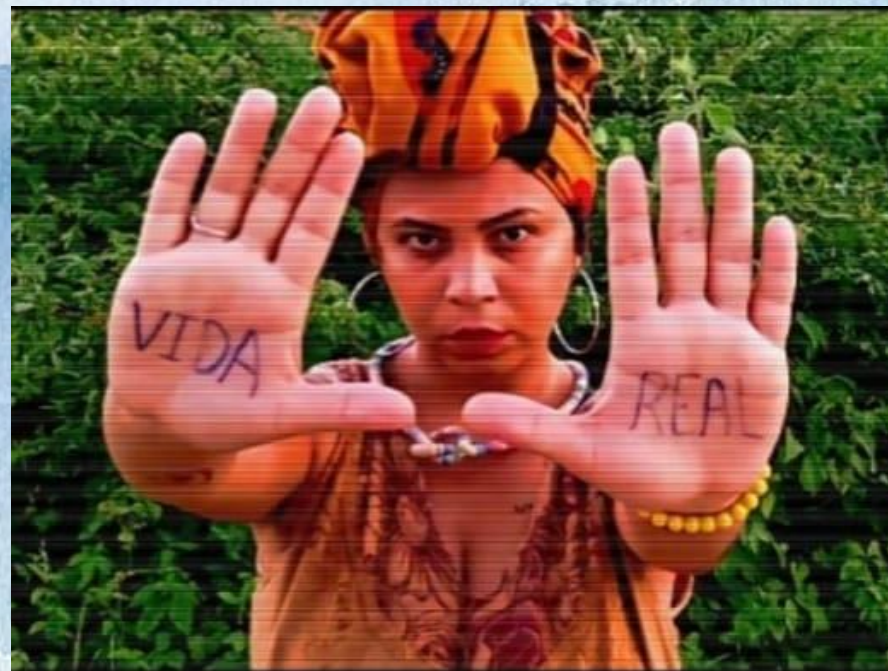


## **Eva Rocha - Cabocla de Jurema**

Cantora, compositora e percussionista da banda Soul Negra.

Começou sua carreira artística através do teatro e da dança, em 2018 se embrenhou no meio da música e agora em 2020 dá início a sua carreira solo, estreando com "Guerreira de Dandara".

Cantar a ancestralidade e a voz do seu povo é o que inspira a artista que também é militante e defensora do movimento negro. Eva acredita que sua música surge como denuncia a todo esse sistema patriarcal, racista e lgbtfóbico.





## **ANCESTRALMENTE CONDUZIDA**

Você quer o poder?  
Você tem o poder?  
Olha homem você tem que me compreender  
A reína da mina não caminha sozinha  
Eu vejo seus espaços vazios  
Me faço de vento, dentro deles caminho  
Você não me vê de tanto olhar pra você  
É confuso não perceber  
Que eu não brinco de sede e prazer  
A reína da mina não caminha sozinha  
Ancestralmente conduzida  
protegida bendezida  
maldezida nessa boca tão ferida  
Me olhe nos olhos  
Não escape de mim  
Não me negue seu rosto turmalim

Mas enfim também pode ser assim  
A reína da mina também caminha sozinha  
Rua noite cerveja pelas ruas perdida  
Medellín Salvador Natal reconstruída  
O caminho é sempre assim  
Poesia callejera el viento pasa por mí  
Leva a poeira por meus pés quase descalços  
En chanclas para estar mais perto da terra e da nudez  
Esqueço o mundo penso nos percalços  
A política dos corpos quanta insensatez  
A reína da mina parece ser ninguém  
Não se engane eu consigo ver além  
Liderança e fortaleza também são afeto e compreensão  
Minha poesia é apenas um fragmento e eu não faço  
questão de ter razão  
Mas não perco a visão  
Nem o cheiro nem o tato  
Nem o toque nem a perspectiva do contato



Caminho pelo centro sem sul e sem norte  
Acredito no sabor da minha própria sorte  
Meus fones, minhas tranças, meu mini short  
Meu descompromisso com os padrões  
A moral, el viche e os palavrões  
Figuras efêmeras dessa existência híbrida e fêmea  
A reina da mina transvestida em menina  
O fogo e as chamas me compreendem e queimam  
comigo  
Esse magma é meu mais doce abrigo  
Política pele ancestralidade  
Me encontro e me perco nessa louca cidade  
Vadiar é meu maior sorriso  
Ancestralmente conduzida  
Você quer o poder?  
Não precisa obedecer  
O reino da mina é libertário  
Virgem, leão, peixes, nado tudo ao contrário

Não me espere sentado  
Mas não saia correndo  
Daqui do trono eu estou sempre te vendo  
E me revendo  
Compreendo  
Dar moral ao poder é perda de tempo  
Você quer o poder?  
Venha nu e descalço  
Sente aqui ao meu lado  
Te comparto minha lua  
Quem sabe um pouco de mim nua  
Quem sabe o ouro da mina sua  
Quem sabe nesse reino só vazia rua  
E minha carne crua  
O afeto ancestral é cura

Stéphanie Moreira (Mamba Negra)



## **Stéphanie Moreira (Mamba Negra)**

Mulher preta e mãe, macumbeira, militante do movimento negro, capoeirista angoleira. Brotei do chão no agreste potyguar. Poeta, tenho insistido em não perder novamente minha voz. Escura demais, arredia, digo verdades desafinadas, minha música não sei por onde anda, mesmo assim eu danço. Performer, meu corpo fala nas ruas, no mato, nas encruzilhadas, sobre as proibições que pesam sobre os corpos de mulheres negras. Também antropóloga, trabalho sobre a criação de memórias por populações subalternizadas no Brasil.





**TD, o quê?...**

Sonhos,  
Assanho.  
Persisto,  
Paro.

Recomeço,  
Pauso.  
Esmaeço,  
Insisto.

Amanheço.

Corro.

Corro.

Corro.

Corro.

Atraso!

O tempo,  
trago.  
Distraio.

Livros,  
Clamo.  
Consigo.  
Desisto.  
Vagueio....

Uma gota? Pauso.  
Transito.  
Esmaeço.

Rotas, rabisco,  
Engaveto.  
Insisto.  
Esqueço!

Foco?  
Interdito.  
Consciência grita:  
Foco? Foco!! Foco...  
Reajo...

- TD, o quê?

AaaaaaaaaaaaaaH

NegrAnória.d'Oxum



## Faces frias

Estilhaços sob a Negra face.  
Chamas, cinzas  
Disfarço.

Mares  
Marés  
Muralhas.

Olhos em vão,  
Navegam

Mordaças  
Muros

Masmorras

Mágoas muitas.  
Traço.

## NegrAnória d'Oxum

É o pseudônimo de Maria Anória de Jesus Oliveira, baiana, Mulher das Letras e dos rios. Docente do Pós-Crítica/UNEB. Estreou nos *Cadernos Negros* em 2016. Publicou nas seguintes coletâneas: *Mulher em Prosa*, *Mulher Poesia*, *Outras Carolinas*, *Profundações*, *Mangues* e *Mulherio das Letras Portugal*.





## **Bell Puã**

Poeta brasileira, graduada em História pela UFPE, onde também concluiu o mestrado. Venceu a primeira edição da Batalha de poesia falada Slam das Minas de Pernambuco, em 2017, e, no mesmo ano, foi a vencedora do Slam BR, disputado em São Paulo. Com a vitória, tornou-se a representante do Brasil na Copa do Mundo de Slam de 2018, em Paris. Foi uma das artistas convidadas da Festa Literária Internacional de Paraty de 2018.





Arte: Laro Moon



## Meu primeiro slam

Dia da consciência neee, ops, ops... Desculpa!  
Quase que na sua "consciência humana" eu esbarro  
Mas vim pra ser Black Panther e unir os preto  
Me chama de Huey Newton Navarro  
Mas aí, quantos de vocês foram atendidos por médicos pretos?  
Poucos né? Pode crê...  
Ainda bem que temos do nosso lado doctor King,  
Doctor DRE  
Hoje eu acordei meio Seu Jorge Ben  
Dormi com umas canção de ninar da Nina  
E já faz tempo que ele tá fora da área, salve pro Tim Maia  
Me sinto livre como Django tomando Cuba libre  
E quem é, é, quem é, sente!  
Pra ser referência como Marcus Garvey  
Não como Harvey Dent

Bebi da fonte do Mallcom X  
Não da fonte do álcool leks  
Talvez me matem como Fred Hampton  
Representativo como os 5 de comptom  
Discurso em Washington, maior AFRONto  
Do seu humor negro a Laurin não Hill  
J. Cole no J.Lo, Forrest Hills drive  
Underground, Look around my nigga white people have  
snatched the sound  
Vida é jogo de azar, como caça níqueis  
Vim botar o meu nome na história, vai caça o Nick  
Vai achar resistência, sobre a truculência do sistema,  
Colin Kaepernick  
Sou Floyd Mayweather quebrando o McGregor e  
fodendo a aposta do Dana White  
E pra quem aposta no fracasso dos preto, se dana  
white!!!!  
Se eu pagar à vista eu pareço menos bandido?  
O segurança me notou quando entrei na loja  
A vendedora me ignorou quando entrei na loja



Me senti temido, excluído em perigo, porra... Por qual o motivo?

Então cês tem medo de escuro, nenhum tá a salvo, de saber que vou vencer deviam tá calvo, eu vou tá lá, tal o malvo, contra o mal vó, meu público alvo não é o público alvo

O tempo passa e não muda, bota aí mais dois milênio

Impressão minha ou um preto com dinheiro sempre tem a cabeça a prêmio?!

Mas epa, epa... Como diria Lafond

Quero preto no topo do pódio, longe do ódio como Louis Hamilton

E as preta trajada, não ultrajada, de Louis Vuitton

E prefinhos, prefinhas, não quero que isso seja raro

Quero cês tomado por ouro e esses racista tomando no aro

E sério, por não me vender a preço de banana, eles vão me chamar de macaco?

A cara dum racista queria tá amassando Raciocínio de primata, zoa meu nariz de batata

Mas a sua que tá assando

E vos digo que na casa grande só havia homens pequenos

Pois um preto adestrado e bem dotado, pensamento datado, me querem detido, não graduado, esteriotipado é mais atrativo

Então, fodi tanto as mentes dos canalhas nas batalhas

Tiveram que mudar o nome pra voyeur coletivo

Esteriótipoação? Este é o tipo da ação que faz pai de família com um guarda chuva ser vilão, é de dar dó

Confundir, fuzil com guarda chuva? Nem se fosse chuva de balas no país de Mossoró

Favela, senzala moderna que o corpo preto padece

Não sei se cês viram, o William Wack colou dia desses pra uma palestra sobre economia (risos)

Hora, hora...Vemos que a dívida histórica só cresce...

De rocha, ele deve ter razão, é coisa de Claiton

Afinal, esse bicho desconsiderou os nego

E tem quem aplauda o salafatório, ontem cabeça de gelo, hoje de revolucionário

Lutar contra a pobreza e uma elite burguesa que lucra com a tristeza, são só negócios

Com privilégios, que são só vossos

Não venham vós ao nosso reino

Maioria de nós nem tem pai



Renego esse "nosso"

Tem gente que nega, tem quem disfarça

Que pássaros negros ao dia são invisíveis e a noite são ameaças

Sempre em frente, resiliente, enfrento

Deus tem mais haver com uma mãe solteira na África

Que quem sente superior ao semelhante no instante qual adentra um templo

Mundo cruel diz se vira

Magia com as palavras tipo Severo

Moscou, cobrança severa

Dispensar os amigos da onça

Só colo com os amigos pantera

E recado pra Sabrina Flor, incapaz de entender a dor, branca sem noção

Problema não foi o 17 no perfil, e sim seu ato vil, que feriu os 500 de escravidão

Preto, residente das profundezas e valioso feito petróleo

Mas vida não tem preço, quantos sobraram do começo?

- Nigro, se foi mais um dos nossos

Fiz o que pude, mas mudar atitude não posso

Vontade é de chorar até afogar os olhos

Empatia em declive, só preto que morre? Não, mas com certeza é só branco que vive!!

Dois zero um nove, depois de Cristo a fúria negra ressuscita outra vez

Ouçam racionais, capítulo nigro, chegou minha vez!

Nigro





## Nigro

João Felipe mais conhecido como Nigro meu nome artístico, natural de Natal, RN. 25 anos, tive contato com o rap que foi o fio condutor em meu envolvimento com arte, ainda muito novo, por residir na favela por nome de “baixa do cão” no bairro de cidade nova permeado por violência, e enfermo de todas doenças sociais possíveis, eu muito jovem vi como aquele ritmo tão diferente comparado as músicas que ouvia em casa, somados a vocais tão marcantes causava tanta identificação em meus semelhantes e por ser muito rueiro, logo fui mais um a aderir mesmo sem muita consciência, ao longo de minha vida o contato com o gênero só se estreitou, a afeição com as palavras e a sensibilidade que causava uma percepção de que as coisas ao meu redor estavam erradas, e no final do ano de 2016 faço a minha batalha e tudo acaba acontecendo prodigiosamente pra alguém que nunca ambicionou na cultura que tanto aprendeu a amar que é o hip hop, algum tempo depois conheci a poesia slam e tentei arriscar-me no “meu primeiro slam” que aqui vos apresento. Só amor, só amar.



Foto: jhonnysilvaft  
Nata-RN/2020





## **Inquietações de Quarentena**

isolados em quarentena  
pelo bem da humanidade  
quem diria que um dia  
não fosse na rua onde estivéssemos  
por essa expectativa

porém a rua continua viva  
com tantos que não puderam parar  
a saúde é que diga  
e continua sendo a rua  
aonde voltamos sempre  
contra qualquer ameaça fascista

mascarados tomam às ruas  
carregando álcool

mas não se iluda  
não é carnaval  
nesses tempos  
não tão longe do normal  
a cultura agoniza  
mesmo sendo fundamental

uma pandemia foi declarada  
soando um “salve-se quem puder”  
e a velha dicotomia  
de “economia ou nossas vidas”  
ainda se mantém de pé  
na história vai até parecer mentira  
que a chamou de gripezinha  
o presidente genocida

os governos fingem que brigam  
e brincam com o nosso destino



quem diria  
que a recomendação de "lavem as mãos"  
eles cumpririam à risca

e nesse momento  
em que seguir o recomendado  
vira coisa de privilegiado  
descobrimos  
que a desigualdade grita  
mais do que nunca  
em tempos de pandemia

pois como esperar  
que a periferia sobreviva  
e de auxílio emergencial  
se nem água na torneira  
tem todo dia?

e agora o isolamento social  
virou necessidade  
mas dá para dizer isso  
a quem sempre esteve  
a margem da sociedade?  
e se ainda lutamos hoje  
contra o isolamento racial  
  
a todos esses anos  
sem reparação histórica  
e é por isso  
que com o aval do Estado  
além do genocídio diário  
o Covide também mata  
mais os pretos e pobres agora  
  
e para quem ainda não entendeu  
alguém avisa



que na sociedade doente e perdida  
o vírus só se aproveita  
da decadente lógica capitalista  
a qual mesmo agora  
acontecendo tudo isso  
nos pressiona ainda a ser produtivos

ainda há quem diga  
que é preciso seguir  
ser leve e olhar para frente  
ou rezar pra vida voltar ao normal  
como se antes  
já não vivêssemos no caos  
dessa falsa democracia

apesar do caos  
seguimos lutando  
tentando nos manter bem

e já que individualismo  
nunca esteve tão frágil, em anos  
é sim o momento de perceber  
que ainda somos humanos  
o sistema nos fez máquina  
mas somos nós que a consertamos

a rua então  
continua sendo a via  
e se a humanidade precisa de ajuda  
o remédio que a salvaria  
nem se compara a qualquer cloroquina  
pois se não estamos à beira da revolução  
e pra não virarmos apenas estatística  
que a consciência de classe  
seja construída  
já que ela não é uma vacina

Mark Silva





## **Mark Silva**

Poeta natalense, Mark Silva escreve versos desde muito cedo e slams desde 2017, abordando principalmente temas como a luta revolucionária, racismo, lgbtfobia, entre outros. Escreve para libertar angústias e acreditando na arte como ferramenta importante de transformação social. Já participou da antologia poética *Várias Cabeças - Vozes da Periferia/2019* e constrói coletivamente a batalha de slam *Rima Central* no Centro de Natal.



A gente vê eles crescerem...  
Quem é que tá com a mãe preta que chora?  
Filho morto pela polícia  
Povo caçado nas ruas feito milícia  
Corpos pretos caídos no chão  
Não há amor  
Só há dor  
Quem é que tá com a mãe preta que chora?  
Humilhada nos dias de visita  
Violentada pela sistema prisional  
Vê ali seu menino sendo tratado que nem animal  
Maltratado, humilhado  
Excluído e abandonado  
Quem é que tá com a mãe preta que chora?  
Com a família destruída  
Pobre, historicamente ameaçada  
Separada, inconformada  
Esse sistema é uma piada  
A vida inteira lutando pra ver  
O corpo do menino estendido na porta de casa  
Quem é que tá com a mãe preta que chora?  
Deus te abençoe meu filho  
Jesus vai te salvar!  
Mal sabe você, mãe  
Que mesmo eu saindo daqui  
Não dá 3 dias e eles voltam pra tentar me matar.  
Quem é que tá com a mãe preta que chora?  
A gente vê eles crescer  
Trabalha pra dar o melhor  
Botar as coisas em casa pra comer  
A vida da mãe preta é ralada  
Sonhos exterminados, uma vida inteira dilacerada

Mas eu tô orando meu filho  
Você vai sair dessa  
O pastor lá da igreja disse que nós vai fazer festa  
É só tu sair, voltar pra casa  
A vida continua e tu vai se reerguer  
Eu vou tá sempre aqui do lado de você  
Tá bem pertinho filho, tu pode acreditar  
Que esses passos que tu escuta de noite  
Sou eu indo te buscar  
Pra voltar pra nossa casa  
Nosso lar  
E essa história toda de miséria junto nós vai superar!  
Não é desse jeito mãe  
As coisas não são fáceis  
Pra ex presidiário  
Oportunidade é milagre  
Mas vou seguindo forte nessa missão  
E acredito que um dia ainda vou te dar tua mansão

Sei que fiz escolhas erradas  
Mas não se culpe mãe  
Serão só águas passadas  
Nessa vida de ilusões encarceradas  
Quem é que tá com a mãe preta que chora?  
Que não vê seu menino crescer?  
Que dá duro a vida inteira e vê seu filho morrer?  
O Estado genocida não tem dó das mulheres  
pretas  
Mata filho, mata marido  
Jogadas nas sarjetas  
É a gente que pari esses homens que vocês  
desumanizam  
É do nosso ventre que sai esses corpos que



agonizam  
Em celas com mais de cem  
Em vidas sem ninguém  
É das nossas entranhas que saem esses meninos  
Ele num teve culpa não moço  
Tava brincando na rua  
O Pm atirou assim nas costa nua e crua  
Ele era só meu menino  
Tava até estudando  
Eu não sei moço porque já chegaram atirando  
Como é que eu vou viver agora?  
O que vai ser de mim agora moço?  
Só quero meu menino de volta  
Mas eles me agarraram pelo pescoço...  
Quem é que tá com a mãe preta que chora?  
Quem é que tá com a mãe preta que chora?  
Quem é que tá com a mãe preta que chora?

Gaby Varela



## **Gaby Varela**

Nas redes @adaaayo, é uma mulher preta de axé revivendo os mitos e em constante movimentação diante do universo afrodiaspórico, é reontologizada para Oxum. Pesquisadora no campo da racialidade, especialista em História e Cultura Afrobrasileira e mestranda no curso de Antropologia Social da UFRN. Artisticamente é escritora, slamer, artesã, batuqueira da Nação Zambêracatu, criadora e administradora da página [@colapretta](#) onde desenvolve um trabalho de arte visual gráfica nas expressões da colagem digital. Sua arte tem como referencial a afrocentricidade, o afrofuturismo e os valores civilizatórios africanos do continente e da diáspora.





## PRECE AO LUTO

no luto eu sigo vivo

a cada noite mal dormida sinto a sequela de vida vivida  
com uma doença

doença da sociedade doença contagiosa a  
ignorância que nos cerca nos cega da cura

e em cada rua escura o medo se alastra

na rua escura da minha mente existe medo até quando  
surge luz

eu quero mesmo é saber se aquele que morreu lá na  
cruz

tem mesmo o poder de me salvar de tanta perdição  
que me rodeia

perdida foi minha infância quando aquele filho da puta  
meteu a mão na minha buceta ! eu só tinha 6 anos..

perdida foi meu direito de viver dignamente por causa  
da minha cor

Alem de viver na sombra de ter sido embraquecido a  
força

preto ? mestiço ? mulato ? só sei que não sou papel e  
não vim fazer papel de palhaço

o direito de amar foi perdido, perdido foi a pureza do  
meu ventre

bendita sejam minhas irmãs

que no luto seguem e na luta vivem pra que nada mais  
se perca

vivemos no luto pelos nossos irmãos filhos e mães e  
ainda somos obrigadas a ouvir macho branco dizer que  
tiro não escolhe cor ???

é ...não será esquecido jamais será esquecida a dor de  
ouvir a dor do tiro

tiro escolhe cor e ainda vale mais pontos dentro dessas  
mentes perversas

bendita seja minha mãe , que nasceu de um luto de  
uma vida sem pai

bendita seja a preta que me beijou e me marcou pra  
sempre sabendo que o amor ainda poderia ser nos  
dado

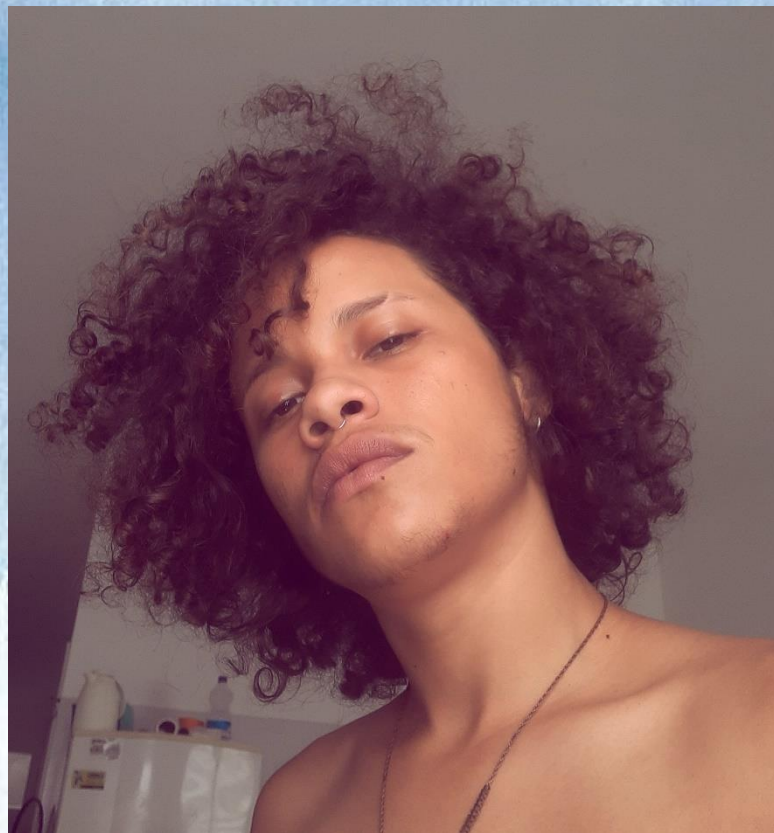
e no luto do nosso amor eu luto pra que o direito de  
amar de mais ninguém seja tirado

Leoá Barbosa



## **Leoá Barbosa**

Cearense que se encontrou em no Rio Grande Norte. Cresci, amadureci, e me reconheci em Natal. Como transmasculino negro, vejo um mundo de outra forma, o mundo transicionou junto comigo, mas não foi muita coisa que mudou. Por isso sigo na luta, através da poesia, eu resisto e existo.





**RIMA CENTRAL SLAM**

edição volta as aulas  
inscrição:  
doação de  
material escolar

**praça p. João maria**  
**20/02**  
**17h00**

batalha de poesia  
+  
mic aberto

apoiado por:  ESTAÇÃO DO CORDEL

**PATROCÍNIO:** 

**APOIO:** 

**2020**

**SOLTE SUA VOZ!**

**QUINTA**  
**10/09**  
**18H30**

**VALENDO PREMIAÇÃO EM DINHEIRO E VAGA NO ESTADUAL!**

**transmissão ao vivo:**  
rima central (facebook)  
batalha do vinho (youtube)  
inscrições por imbox:  
rima central (dm e messenger)

**Online**

Arte: Liajú Schenkel



## Semente

fossem os girassóis do meu crespo  
deslizantes nos limites  
dessa furna

apagassem as lamúrias das nossas íris  
insurgidas em lúgubres  
matizes

pendessem ramos das suas unhas  
e metralhadoras daquelas  
falanges

declarassem óbito a natureza  
e ao nosso corpo  
que a compõe

nos ameaçariam:

"o show deve continuar"?

Rosy Nascimento





## **Rosy Nascimento**

Cineasta, produtora cultural, pesquisadora e escritora potiguar. Constrói o coletivo de cinema negro Mulungu Audiovisual (RN). Produz o Sarau Preticência (RN) e a Mostra Macambira (FIC 2018), da qual também integrou a equipe de curadoria. Roteirizou o curta-metragem “Em Reforma” (Caboré Audiovisual, 2019). Dirigiu e roteirizou os curtas “Asfixia” (70 Olhares Sobre Direitos Humanos, 2020) e “Te Guardo no Bolso da Saudade” (Mulungu Audiovisual, 2019). Realizou o Circuito Universitário de Cinema (Instituto Caixa Seguradora) e a Mostra Censura Nunca Mais (Movimenta – Cineclubes e organizações populares do Brasil). É autora de Desvio (Editora Nua, 2018), seu primeiro livro de contos. Integra as antologias Várias Cabeças - Vozes da Periferia (Projeto Literafro, 2019), Onívora (Sarau das Minas Natal, 2019), Blackout (Munganga Edições, 2018) e CidadElas (Sebo Vermelho, 2017). Lançou de forma independente as zines Vômitos dos meus excessos (2016) e Soul Cactos (2017).



Nunca comeu feijão com gorgulho, nunca precisou tomar água pra enganar o buxo.

Quando a fome apertava, nunca vi vocês na quebrada.

Falam e fala, falam dos de farda, mas se brincar vocês são piores que os de terno e gravata.

Pagam de playboy de quebrada.

Na moral, cês são uma piada.

Duvido sobreviver a rotina diária.

Nunca nem pegaram numa inchada, mas se orgulham de pousar com uma arma.

Muitos dos meninos dá minha quebrada queiram chegar a pegar numa inchada antes de ter que segurar uma arma.

Os meninos são ensinados a subir o morro armados, pra não ter que descer na mala do camburão ou ser encontrados na vala.

Cê saca? Saca que isso é a realidade diária.

Que não é pra servir de piada ou sustentar teu hype de quebrada.

Nunca ouviu o choro dá tia, o grito dá cria, a mãe na agonia.

O filho pensando em ser grande, virar traficante para salvar a família.

3 gramas do verde rende o pão do dia, 1k do branco sustenta seus irmãos no corre do dia a dia.

O pipoco, a correria, o medo anunciando mais um dia.

O sangue escorrendo a ladeira, mais uma aviãozinho caiu na ribanceira.

E amanhã já vai ter outro subindo e descendo o morro, porque os voos não param.



A vida não para, é a infância interrompida pelo barulho das balas.

E a quem ache que os meninos querem ser jogadores ou doutores, alguns só querem chegar até aos seus 14.

E vocês pagando de traficante, de menor do crime.

No primeiro enquadro ficam se lamentando: "uê por que tô levando?"

Querem ser do crime, mas não tem pique.

Querem ser do crime mas só tem chique, não aguentam a barra, a faca, os tiros, o sol nascendo quadrado, o irmão sendo morto do teu lado.

Aqui não é estação fria, é erva, verão, sem medo de andar no camburão.

É cria ensinando pra cria, estuda pra virar o jogo jão.

Ninguém quer se perder, ninguém quer morrer, mas as necessidades faz a gente escolher.

Na parte dá cidade onde meninos aprendem a se vestir de coragem, o único branco que fica de verdade, são as nuvens do céu.

O resto é só de passagem, principalmente na época da politicagem.

Os Playboy que querem ser do morro

São os mesmos que votaram no boso.

Decretam guerra ao meu povo, e depois fingem ser cordeiro engravatados de lobo.

Bárbara Maria.



## **Bárbara Maria**

Moradora de Extremoz, região metropolitana de natal. Com 22 anos é estudante de Mineração no IFRN. Seu contato com a poesia começou no ensino médio, logo depois começou a escrever alguns versos. Participou de alguns eventos da cidade voltados para poesia. Escreve como forma de desabafar e pretende escrever um livro futuramente.



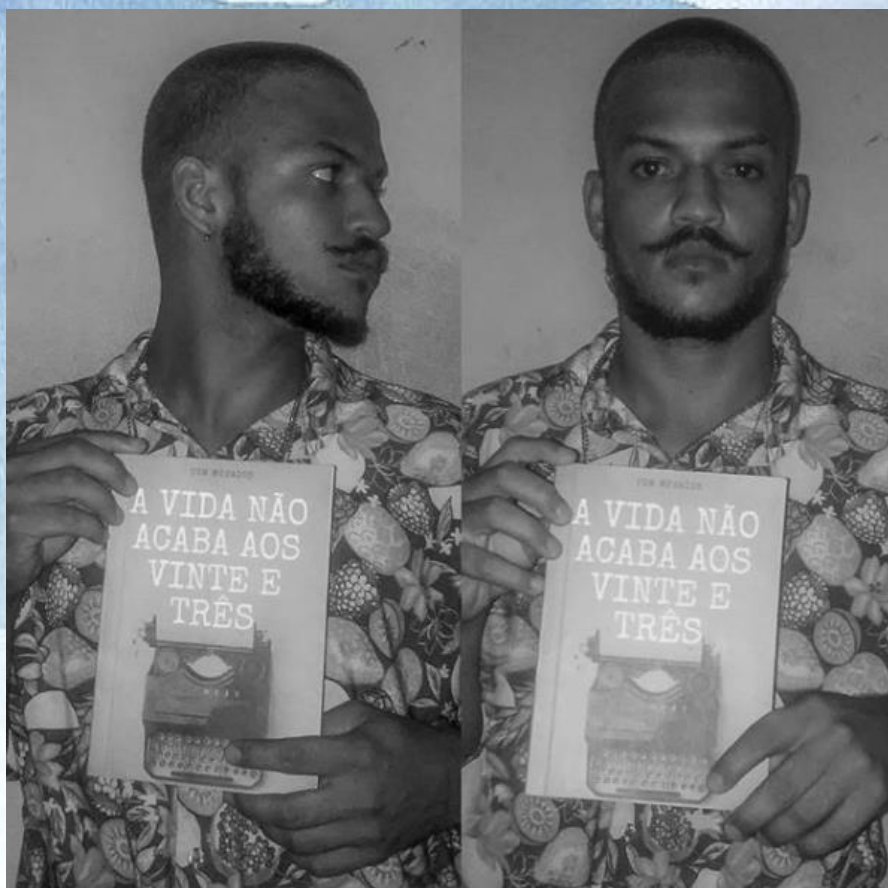


## Mapa do Novo Eu

Quebrando as aspas do comportamento  
Barrando as pausas do imparável tempo  
Fluindo rente ao fluxo, pensamento puro,  
Meu lamento no ponteiro arremessado ao sul  
Tempo livra do passado duro  
Que persegue a mente  
Pelos momentos que não me permito estar presente  
De corpo e alma pago, choro, vivo e morro  
Somente se necessário, ter somente o necessário  
Pra atravessar meus dias de delírio lógico.  
Amar: minha dádiva e castigo  
Que se alternam com frequência  
Meu martírio no ponteiro arremessado ao sul  
Que persegue a mente  
Pelos momentos que permito-me estar ausente.  
Não corre dos dias jamais, beijar seus raios com a pele  
Não mais temer a noite quando esta desce.  
Não mais temer a morte parasitando a vitalidade.  
Não mais temer o medo, exorcizar segredos,  
Perdoar meus erros! E aos meus acertos lembrar de nunca  
os esquecer.

Tom Mosaico





## Tom Mosaico

Nascido em 30 de maio de 1996, em Recife-PE, Washington Correia de Lima viveu em sua cidade natal até a idade de onze anos, quando, acompanhando a família, mudou-se para a capital potiguar. Desde Recife já estava envolvido com a arte, graças a um projeto social que ensinava sobre música na escola que frequentava no bairro Alto Jardim Progresso. Em Natal, ele se envolveu com a cultura hip hop, inicialmente com a dança, e depois com o rap, em especial as batalhas de MCs. Na escola, no Ensino Médio, conheceu a literatura e a poesia. Foi da junção destes vários elementos que nasceu o artista Tom Mosaico.

Em 2016, ele lançou o seu primeiro álbum de rap, DESmundo. Em 2018, seis singles foram lançados, dentre estes temos Sol, que fez com que Mosaico ganhasse destaque na cena do rap potiguar. Em 2020, dois singles e um novo EP: Incen(diário). Mas, também em 2020, sua experiência em composição o levou para outro caminho: a poesia. Ele publicou seu primeiro livro de poemas, A Vida Não Acaba Aos Vinte-e-três, junto com a Editora LCS.





Rima Central (Slam) – Natal/RN - 2019  
Foto por: Júnior Palhares



## **NÃO SOU TUAS NEGAS**

"Me inspiro em Machado de Assis, desde que eu tinha... sei lá dezessete,

hoje os negros não criam raiz, tão morrendo a machado manchando manchete.

Vejo essas brigas na internet, mas, nem me envolvo nessas treta,

eles lutam contra o racismo, mas, dizem que a coisa ficou "preta".

Ovelha negra não é pejorativo, calma, com isso eu nem me comovo,

chama a Princesa Isabel que os burros tão fazendo tudo de novo.

Já pensei em ser cantor de rap, é isso, passado, pq eu só pensei,

muitos riram aqui desse neguinho e no seu "kkk" enxerguei KKK.

Até hoje ninguém me entendeu, ou tô muito grego ou tô falando grego,

toda compra ilegal é no Mercado Livre? Não! É no "mercado negro".

O Brasil diz que o negro é lindo, só observo esse povo fajuto,

quer dizer que de branco eu sou paz, se tiver de preto eu sou luto?

Andando ali pelo viaduto, celular e carteira na mão,

avistei um neguinho correndo, eu também vou correr, porquê vai que é ladrão.

Sempre fora dos padrões e no RH minha hora não chega, não me chame de macaco, meu filho, porque eu não sou tuas "nega".

Bolsonaro tá na lista negra, o que é ruim minha alma repele,

Tô tentando pintar uma obra prima e ainda não encontrei o lápis cor de pele.



Antes senhor de engenho, hoje eu sou engenheiro,  
senhor,

o Brasil vem evoluindo, e os navios negreiros hoje  
chamam metrô.

Minha dança é a capoeira, descalço no chão eu  
dispenso tatame,

minha raiz é africana, mas pela cultura eu prefiro Miami.

Desliguei o Brasil "fashion week", pra não me sujar com  
padrão de beleza,

se sinônimo de amor é amar, sinônimo de negro é  
pobreza?

Mas eu sei que eles amam minha cor, prova disso é que  
amam Beyoncé,

mas fazer propaganda da Gucci nunca vi ninguém ser  
chamado daqui.

Olha, lá vem um ladrão, você é zona nobre então corra,

olha, lá vem um ladrão, se você é do morro então morra.

Na corrida da inspiração, duas vias em uma só pista:

ou se inspira em Ronaldo Nazario ou se inspira em  
Ronaldo nazista.

Na corrida do bilíngue, a discrepância de estudo destrói,  
seu filhinho fala 5 línguas, estranho, meu povo aqui só fala  
"boy".

O mundo não é racista, se eu disser isso eu tomo um  
sacode,

a raça negra que eles curtem, é só o grupo de pagode.

Pode me chamar de neguinho, minha imagem não vai  
denegrir,

me desculpe Regina Casé, mas o negros da globo são só  
"chroma key".

Represento toda chibatada, mas não a mostrada na  
escola,

não curto muito futebol, estranho, porquê eu curto  
quilombola.



Você não querer enxergar, só cega o seu sossego,  
piada é coisa bem legal, piada ruim, é humor negro.

Aqui nem é jogo de pôquer, mas eu ganho no blefe e na  
grife,

quando pensarem que o negro é burro, eu chego e  
mostro meu cacife.

Num filme de trauma, sem trama, pele preta é alvo de  
chacina,

não te julgo por ser ignorante, então não me julgues pela  
melanina.

Sou orgulho onde eu pisar, descendente de gente  
africana,

e se perguntarem minha raça, eu respondo: sou raça  
humana!"

Douglas



## Douglas Soares

Amante da rima em suas diversas formas. Começou a rimar através da literatura de cordel, mas atualmente divide-se entre a prática do poetry slam, as batalhas de rap e a carreira de rapper. A primeira vez que escreveu o cordel foi em uma atividade escolar. Ele escreveu as suas primeiras rimas e sentiu facilidade e, sobretudo, felicidade em escrevê-las. Desde então, não parou a escrita e, aos 25 anos, já tem 13 deles dedicados a rima; em seus diversos modelos. Na adolescência descobriu a facilidade em criar rimas de improviso sendo uma presença marcante na maior parte das batalhas de Mossoró, onde coleciona o recorde de batalhas. Tem conquistado espaço na música, sendo sua primeira vez em 2012 e a produção foi de MAG, um dos fundadores do grupo Facção Central, uma das principais referências do rap nacional. Atualmente, participa do grupo oito4, coletivo de rap de Mossoró que busca reunir os talentos da cidade que desejem difundir a cultura hip-hop em Mossoró e expandir para além fronteira. O coletivo já se apresentou em três estados do Nordeste e tem sido mencionado em alguns sites de referência no rap nacional. A participação de Douglas no Slam Mossoró acontece desde a fundação, conheceu o idealizador do evento, quando ainda era um projeto no papel e decidiu articular pessoas interessadas para tal iniciativa. Participa sempre que possível, conseguindo boas posições, vencendo etapas

nos dois anos e participando das finais estaduais, para classificação para São Paulo.

Douglas acredita no potencial do slam como agente transformador na sociedade, levando a poesia falada para espaços não habituais. Com isso, participou de ações representando o Slam Mossoró em eventos culturais e educativos.





**Lembrete lírico**

**(passarinha)**

Escrevi sobre a dor e sobre me perder,

Escrevi sobre aqueles que não queria, dos sonhos, as vontades e o mal querer.

Porém jamais escrevi sobre o amor que me mantém de pé, é que vocês me perdoem, há de se acostumar, que falar de negritude é mais do que dor, é sobre também amar.

Dos afetos e a candura, das mãos pretas de minha avó, de me enrolar no meu preto até que nossos braços virem nó, é a cadência dos laços que não me deixa estar só.

Telma Rodrigues





## Telma Rodrigues

Telma Jordânia Rodrigues Bezerra e/ou Passarinha escreve sobre sua realidade, assume seu nome completo como identidade e a incompletude de sua arte. Se viu como gente nos sigilos da poesia, brinca de cantar como quem se aquece perto de brasa. Busca no conforto das palavras traduzir sua visão de mundo, sobre ser mulher, de suas ausências, de sua cor, sobre as negativas e das impetuosas curiosidades que lhe move. Cresceu em Nova Cidade, brincou pela Cidade da Esperança e morou metade de sua vida em Felipe Camarão. Criada na zona oeste da capital Natal e atualmente uma estranha no ninho de Ponta Negra. Em seus 25 anos acumulou o título de Historiadora, leciona, aborrece e enriquece, mas também é boa em alçar voos distantes. Tem alguns de seus escritos publicados pela editora Sebo Vermelho na coletânea Cidades, escreveu o prefácio do livro Desvio (da autora Potiguar Fulô). Entre experiências de lá do meio do mundo de Minas Gerais onde morou e atuou na produção cultural local da "Primaz de Minas" e cá na cidade do sol busca conhecer mais do Slam, como expectadora, jurada e como participante.



## **Cântico**

Força e axé  
Peço pros meus ancestrais  
A cada dia a menos rogo por mais um dia  
Fatalidade: única condição do ser humano  
Constante processo de auto degradação  
Rogo pra que uma nova geração desperte  
A um novo conceito de evolução  
Menos arranha-céus, mais paisagens  
Sustentabilidade  
Nova abordagem pra não exploração da nossa mãe  
terra  
Na guerra onde nunca haverá vitória  
Oiá, Jah! Protejam nossa espécie  
Desse instinto autodestrutivo  
Ou ela perece  
Homem-máquina, coração máquina  
Sem alma  
Engrandecido pela divisão atômica,  
Em nome da cruzada moderna  
Guerra atômica  
Paz e fé contra o peso do capital  
Exploração da mente nessa era digital  
Extinção dos velhos e bons costumes,  
Sorrisos sinceros, apertos de mãos, um abraços  
Esquecidos no vácuo do cyberspaço

Por isso canto em busca de uma nação  
Que conserve uma visão de mundo melhor  
Pois só assim a terra não vestirá luto  
E poderemos gritar  
Em uma única voz:  
Ubuntu

Kleiton Souza



## Kleitton Souza

Meu nome é Kleiton Souza (vulgo Poeta). Sou MC, escrevo e estudo no curso de Produtor Cultural. Nasci em Santos 1989, quando fui adotado por minha mãe, Maria Antônia, natural daqui do Rio Grande do Norte. Mudei para Natal ainda criança, e esta cidade é cenário de minhas primeiras influências sobre o universo Hip Hop cultura negra local, pontos de encontro que incorporam minhas ações como agitador cultural. Em 2006 me tornei MC. Ingressei em 2010 como estudante de graduação no curso de Letras (português) na UFRN, onde tive como interesses de pesquisa temas voltados para a oralidade, literatura, cultura marginal e estudos culturais focados na identidade negra e da diáspora. Em 2013 colaborei para a criação da Batalha da Vermelha, localizada na Praça André de Albuquerque, conhecida como praça vermelha. Depois de Letras, comecei uma nova formação em Produção Cultural no IFRN em 2017. Atualmente atuo como agulheiro (de dreads), além de buscar novas experiências com poesia Slam e estudar sobre lógicas de produção que sejam mais viáveis no nicho da cultura periférica.







Foto: jhonnysilvaft  
Natal-RN/2020



Só um instante pra falar do brasil...  
Nem comecei já tô cansada  
O presidente tampa o zói de máscara na cara  
e dispara a boca loca, coisa de "falsifacada"  
Ignorância à distância é a nova modalidade  
#Agromerou, gado desfilou na rua  
Quer que o povo volte a trabalhar  
não pode faltar caviar no quinto andar  
e pétalas de sangue de pobre a luz da lua  
bem crua, como corpo de quem nem chega a hospital  
Porque seu voto é fatal  
Já pensou se fosse tua?  
Filha! que nem direito a teste tem  
Se na tua casa a peste vem  
mão do nordeste, Limpa quem?  
deixa eu pensar...  
Lembrei! é a economia que você prefere salvar!

Magi

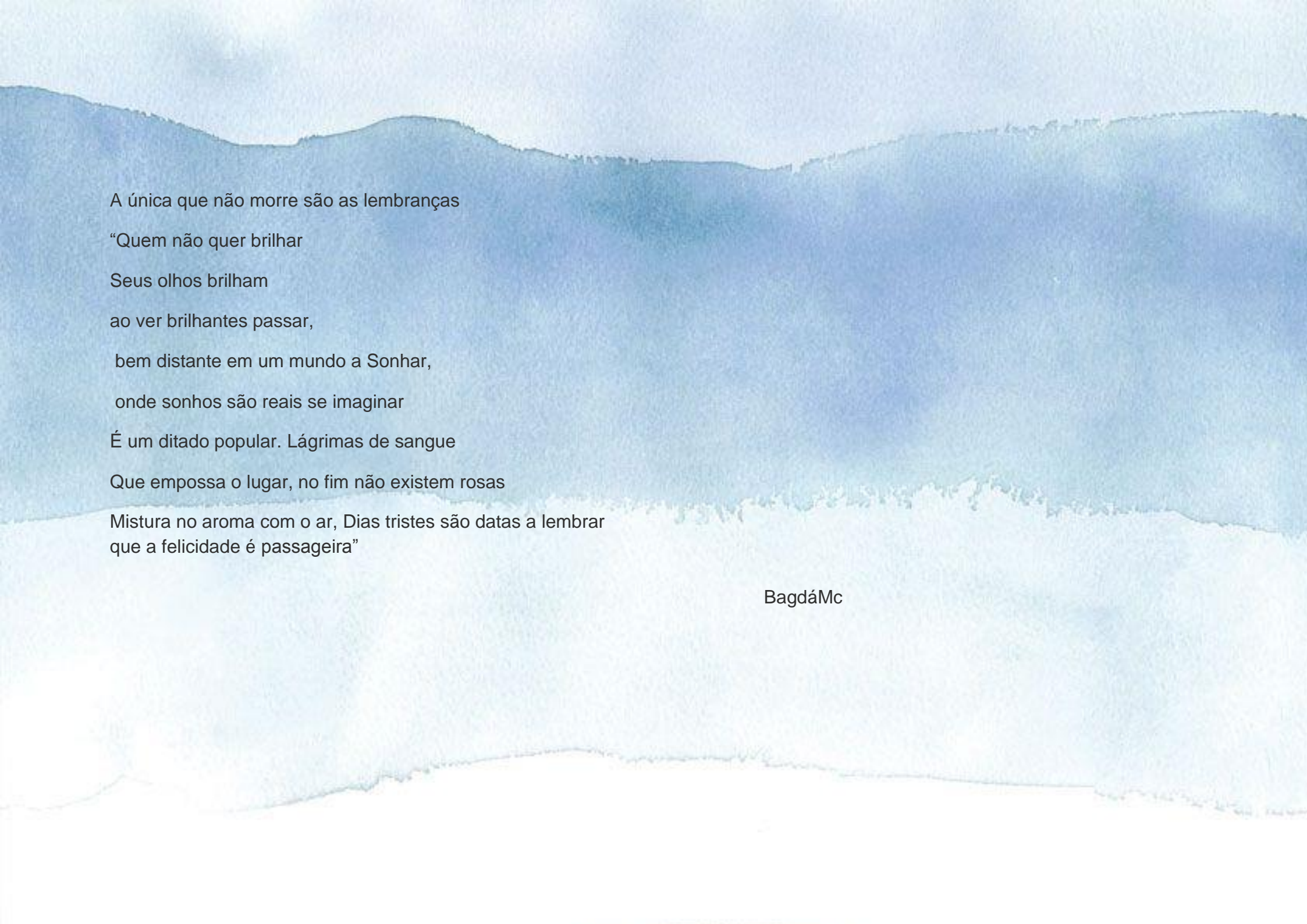


## Magi



Sou Marília Gabriela (MC Magi), 21 anos, natural de Parelhas(RN) mas atualmente moro em Currais Novos (Seridó do RN). Neta de um dos repentistas mais fodas que já conheci, desde criança faço rima improvisada junto com ele. Já sabia que queria ser artista e quando descobri o Rap bateu muito forte. Em Currais meu primeiro contato com o movimento hip-hop foi com a Batalha do Cristo, quando dei as caras mesmo como MC e entrei pra somar na organização. Menos de um ano depois demos luz a Batalha do Gueto, movimento que estamos há um pouco mais de 2 anos fazendo acontecer como arma de transformação social. Como trabalho musical fiz parte da “Cypher do Gueto” e tive a oportunidade de lançar esse ano “Tanque de Guerra” junto com a mana MC Pineta. Enfim, permaneço firme e forte na correria do hip-hop que tenho como missão de vida, sempre focando na luta coletiva para caminhar em direção ao combate das estruturas que nos prendem!





A única que não morre são as lembranças

“Quem não quer brilhar

Seus olhos brilham

ao ver brilhantes passar,

bem distante em um mundo a Sonhar,

onde sonhos são reais se imaginar

É um ditado popular. Lágrimas de sangue

Que empossa o lugar, no fim não existem rosas

Mistura no aroma com o ar, Dias tristes são datas a lembrar  
que a felicidade é passageira”

BagdáMc



## BagdáMc

“O poeta nunca encontra a poesia, a poesia sempre encontra o poeta!

Meu nome Artístico É BagdaMc Natural de Natal - Rio grande do norte - Brasil. Tenho 17 anos, Sou Mestre de cerimônia e integrante do Grupo De hip hop; 1DisparoDeRap.

Sonhava em ser jogador de futebol Limitado entre o sonho e a verdade, A música sempre foi Trilha sempre acompanhou Grande parte de todo mundo comigo não foi diferente ao perceber que o sonho de ser jogador foi sendo limitado, passei a querer me Expressar de alguma forma e conheci o graffiti Aos 11 anos Comecei a ter grandes influências sobre os Muros e ter interesse sobre a arte, Nada fora do comum, Os Elementos andam de Mão dadas. Nas brincadeiras de criança com amigos de infância fui começando a Fazer freestyle e ao mesmo tempo à poesia entra na minha vida, assim vou dando continuidade ao mesmo sonho todo dia em que desperto! “





## Desnatureza Humana

Desnatureza com nossas mães, humanas?  
Desvirgina as manas, tipo Mariana  
Vidas em drama, virou lama.

Filhos da grana, queimam a grama  
Em nome da gana, Vale tudo? (Vale?)  
Krenak não cai com discurso vazio...  
Deus é o rio, que a Vale explodiu...

Rio Doce, Paraopeba em Brumadinho,  
Prosegue o caminho, matar o Brasil.

Destrói a mãe, a filha e o miúdo?  
Não fico mudo, se não mudo o mundo.

Ganância por tudo, não se importa  
Exporta, como no Tete, onde abriu a porta.  
Sem vigilância, deixou mata morta  
Até onde Vale, ganância não se esgota?

Vale, nada de Doce, és amarga  
Como o ódio das amarras.  
És amarga, que comemora os 25 bilhões de reais anuais  
5 bilhões de euros, 371 bilhões de meticais  
E se matar os 7 bilhões de humanos?  
Nada demais...  
Nada demais???  
Nada demais?!?!?

Carlos Guerra





## **Carlos Guerra Júnior – Mossoró RAPentista**

Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de Coimbra (Portugal), com tese sobre rap como ativismo político no espaço lusófono: Estudos de Caso no Brasil, Portugal, Angola e Moçambique.

Rapper com atuação em três continentes.

Fundador do Slam Mossoró.

Finalista do Slam Portugal em 2017.

Criador da plataforma internacional de rap Barras Maning Arretadas.

Palestrante e organizador de eventos unindo o rap e a academia em locais como Universidade de São Paulo (USP), Universidade de Salamanca (Espanha) e locais como Gent (Bélgica) e Maputo (Moçambique).



## **Assim como mortes na ditadura**

seja leve

como forma de anestesia

virada com cana buchuda, porque é barata

e corrói os sentidos

que perdem o sentido e a vontade de se levantar

pra quem vamos mirar?

tem mira que não falha, acerta na cara, na pele não clara, no bolso, na integridade, 8, 80 vezes

tem mira desviada, de verba pública, de debate, de facada, desfalcada

pra no final virar charge que se esquece em uma semana, duas

assim como esqueceram mortes na ditadura

nos pedem calma

ignoram o caos e a relevância da memória

tortura

vá em frente brasil

não podemos parar

o vírus que mata é só gripezinha viu

nessa mentira se foram mais de cem mil

quantas mais vidas tiradas, terras desapropriadas

até a próxima rodada?

2022, o que nos aguarda?

pós pandemia de luto e luta

esperamos fazer trabalho de base mais do que as igrejas

que a comida não falte na mesa

ou será que nem eleições teremos?

já nem sei o que somos, difícil ficar

se não deu certo, quando é que vai dar?

enquanto isso em Brasília vários copos de leite virados

a intervenção militar já é burburinho alto,

e as forças armadas se esquivando da reta,

mas nunca se nega o poder e impunidade pra PM,

que cumpre tão bem sua missão genocida

pelo preço de uma suposta dignidade que muitas vezes mal paga as contas



e o psicológico  
fudido  
enquanto isso milicianos em condomínio fechado  
lavando dinheiro com empresa de faixa  
funcionário fantasma  
"é só chocolate", Flávio late  
isso te faz leve, Regina?  
pq a gente tá vendo vocês cagando tudo  
mesmo escrevendo eu me sinto mudo  
plano nacional da cultura tinha 53 metas para 2020  
e nenhuma delas era ter o ministério instinto  
queimaram-se os títulos,  
a democracia nunca pareceu legítima  
cadê nossa participação?  
mesmo reivindicando, a canetada tá em outra mão  
nesse território grande e uma constituição tão jovem  
serão os mesmos rostos a ocupar cargos de poder daqui  
a 20, 30 anos?  
esquerda, direita, centro, fascismo  
as oligarquias escolhendo a bola da vez

pela ordem e progresso desse jogo de campo gramado  
de gado,

Mas aqui onde os trabalhadores da terra imploram por  
uma reforma agrária

tá é precisando de educação, saúde e justiça social  
garantidos pelo estado

não é de hoje

que direitos básicos servem de moeda pra lucro e  
privilegio do interesse privado

falta acesso

se meus pais lutaram pelo direito de votar, por que isso  
parece tão pouco agora?

se eu me desesperar ainda posso ser kamikaze e  
dinamite no senado

se eu me aprimorar ainda posso ser artista, educador ou  
gestora

se eu não me movimentar, o mundo vai girar enquanto  
eu fico pra trás

assim como mortes na ditadura

Ju Nayd



## Ju Nayd

Nasci em Campinas - SP, mas cresci a maior parte da minha vida na Paraíba (2006-2018), hoje tenho 21 anos e resido em Natal - RN. Sou poeta, musicista, estudante de Produção Cultural no IFRN, entre outras coisas. Faço parte da organização do Slam Rima Central que está na ativa no centro de Natal desde 2019. Na poesia encontro um meio para colocar fora minhas angústias e subjetividades, um caminho para conhecer a mim e aos outros.







Foto: jhonnysilvaft  
Natal-RN/2020



E se o futuro é só um espaço temporal, por quê a nossa mente não torna-se atemporal?

E a areia que desce da ampulheta é a mesma areia que nos guarda na gaveta

Uma 'pá' de terra em cima de um caixão, não pensou fora da caixa, então não tem explicação

É o fim da linha ou começo da história, para alguns é sofrimento, para outros uma glória,

A gente já pagou aqui a gente viveu lá,

todos querem ver deus, mas ninguém quer voltar

Vivemos a recriar um deus oni presente, faltou interpretação elegeram o presidente

E a gente só visa o auto do pódio, 'an?' Mas esquecemos que isso só gera ódio, (negô?) O que você vai decidir, você prefere ver seu irmão cair ou sorrir?

DHDL





## Dhdl

David Hudson Carvalho Damasceno, sob vulgo de DHDL é um mc/poeta que tem suas raízes nas artes de rua proveniente de eventos em escolas e festivais culturais sem fins lucrativos. Começou a escrever em 2014 no auge do seu ensino médio e da rebeldia da adolescência. Com um cunho total de resistência em suas letras, ele não poupa ataques aos grandes meios ou maneiras de opressão social. Atualmente encontra-se no sexto período de pedagogia, onde é estagiário em uma escola da zona norte de Natal. Na medida do possível sempre tenta relacionar Hip-Hop e educação como um agente de transformação cultural.



## DESABAFO

Vocês se fingem de doido e pensam que a gente não sabe, o ódio da tal classe média com quem vem da comunidade, e todo novo dia é uma nova disparidade.

Olha pra o noticiário e diz que a coisa ficou preta, o câmara man me foca sob a mira da escopeta do agente da lei que protege o cidadão de bem, exterminando da favela quem os possam fazer de refém.

Mesmo sendo nos, os reféns desse sistema, que sem muita escolha somos incluídos no esquema.

Vocês sempre tem a solução,

Só precisam do problema.

Se não tiver faltando educação e sobrando violência, como é que vocês fazem campanha política e as igrejas de assistência?

Dizem que bandido bom é bandido morto, discurso de quem não sabe que a gente da periferia já nasce com a corda no pescoço, não é preciso cavar muito pra quem já nasceu no fundo do poço.

Minha realidade exposta é a aposta de quem quer me ver na lama, boiando no meio da bosta, esses mesmos que querem me converter e me levar pra igreja, são os mesmos que na primeira oportunidade me cospem a face e me apedreja.

Se pra você a coisa ficou preta, pra mim a coisa ficou branca, quando a polícia pergunta meu nome, mas antes disso me espanca, em couro de negrinha favelada de bobeira o cacete canta.

Pra PM eu sou a marginal, a vagabunda a delinquente, o cidadão de bem é a corja dos filhos do presidente, aqueles que a mão armada orchestra o maior assalto nacional, fode periferia e asfalto, tudo legalizado direto do palácio do planalto.



Os branquelos tudo trancados dentro dos seus APs falando em pandemia, mas uma na conta pra que mora na periferia.

A preocupação daqui é a fome, ou quando chega à noite o batido dos "home" que aproveita a surdina da madrugada e invade a quebrada, filhos do cão os próprios vírus de farda, não tem quarentena, só resta a opção correr ou cair, filme de terror que já virou clichê de tanto que se repete por aqui não tem escola, não tem merenda, criminalizam minha erva, chutam minha oferenda.

Estado laico pra quem?

Pra quem é branco zona sul e não pra nós os conhecidos Zé ninguém.

Aqueles que só servem para número de estatísticas dos montes nos hospitais ou dos mortos pela polícia.

A gente enfrenta o vírus da PM, o vírus da política, o vírus social e tenta não ser vítimas da milícia.

O mundo todo só fala do Corona vírus e a passos lentos tenta reestabelecer a esperança,

mas pra a gente tá difícil com o presidente infectado com o vírus da arrogância, prepotência, incompetência e ignorância.

Carla Cecília

Mossoró, RN (01/05/2020)



## **Carla Cecília**

Carla Cecília natural de Areia Branca, Rio grande do Norte, feminista, militante da Marcha Mundial das mulheres e do coletivo de negritude enegrecer e poetisa por desobediência civil. Comecei a escrever com quase 15 anos, desde então venho usando a poesia como um dos meus instrumentos de expor minhas impressões, seja o reflexo do cotidiano, desabafo ou denúncia. Uma das minhas características mais fortes é ser briguenta e teimosa. Porém, só brigo por aquilo que acredito, e teimo quando sei que é possível fazer acontecer.

Sonho em mudar o mundo para mudar a vida das mulheres e mudar a vida das mulheres para mudar o mundo. Desenvolvo um projeto cultural e social na minha cidade natal com jovens e mulheres, realizando debates sobre temas sociais transversais e promovendo saraus, onde os próprios artistas são os jovens, a cena cultural varia entre poesia, dança, rap, música e teatro.

Luto pelo fim do patriarcado, e todas as formas de opressão impostas pelo capitalismo. utilizo a poesia acima de tudo como um manifesto, um instrumento de luta para dá voz a todas as minhas revoltas e para denunciar os retrocessos nas quais estamos expostos e expostas.





## FILHOS DO CALOR

Sejam bem vindos ao nosso interior  
E prove da qualidade que explora o exterior  
Aqui a rapadura é doce, mas também é dura  
A água que te refresca, ela também te afunda

Somos a resistência, filhos do calor!

De olhos bem abertos pelas ruas onde ando  
Sacando da onde veio quem aqui chegou  
Me chamam de matuto e eu só matutando  
Como matar a ignorância que a mídia gerou?

Pois temos as mais belas vistas que até nos dá gosto  
Penso nos rios e praias, lembro dos lixos e dos esgotos  
Mancha de óleo pode pá que vai estar lá  
E é nos sempre que tamo pagando pelo erro ali dusôto

O mundo é comercial e tudo gira em torno do capital  
Que não gira bem! Mas nós sabemos quem girou!  
Me chamam de capitalista... Pois capito essa dívida e  
ponho na lista  
E hoje cobro cada centavo que de nós vocês roubou

Com poesia marginal e movimento cultural  
Os cumpade que já me conhece diz: "Ô Caboco  
doido"

É que pra falar essas verdades eu não ganho 1 real  
Na real nos que trabalha e quem recebe é os outros

Concreto e aço, não segura o desabafo  
de quem sempre foi injustiçado pelo povo do outro lado  
E se você é Nordestino igual eu, tá entendendo bem...  
O por que eu tô revoltado.

Sou o homem bomba e hoje chamo o Pedro bomba



Pra junto com os aliados nos explodir o Senado  
Comeram do nosso piram e agora prova o cinturão  
E curto suas línguas pois errado apanha calado

Não somos burros por preservas as vidas  
Mas pra esses bolsominions eu tô cagando todo dia  
Respeite nosso sotaque e versado que é sagrado  
Espero que tenha ficado bem explicado: "O Nordeste é  
Poesia".

Caboco





## CABOCO

Luan Alves Gondim, o artista Caboco, é um artista multifacetado, que atua como produtor cultural, rapper, beatmaker, videomaker, slammer e instrutor escolar. Atualmente, é um dos líderes do projeto internacional Barras Maning Arretadas, que abrange rappers de 27 países e produz parcerias internacionais envolvendo cyphers, shows online, produção de músicas "rap", exposição de instrumentais "beats" e debates artísticos-culturais, envolvendo rappers e acadêmicos. Participa como poeta do Slam Mossoró, da qual também foi um dos fundadores. É ainda graduando em turismo na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, em que estuda a importância do sotaque e da identidade regional como afirmação artística, para expansão da cultura.



## Representa Atividade

Eu sou do Rio Grande do Norte,

Sempre foi Deus nunca foi sorte.

Sou da Terra de Amém Ore, Julia, Erimar, Comedor de camarão,

Da Terra de Antônio Francisco que dispensa apresentação,

Sou da Terra de Poeta, Magi, Pepeu, Profitão.

Terra de DHDL, Mariano, Capitú, Bagdá,

Eva Rocha, Douglas e Nigro nessa lista não podem faltar.

Terra de Nilsomar Martins, Múcio Ferreira, Saulo de Morais,

Caboco e muito mais.

Guardem esses nomes na memória de quem muito vão ouvir falar,

É o RN impondo respeito geração que veio para ficar.

Larissa Galvão



## Larissa Galvão

25 anos, mãe, artista mossoroense, poeta, slammer, escritora amadora, faz poesia desde a infância, mas só iniciou as apresentações no final 2019 quando conheceu o Slam Mossoró. Já no início de 2020 participou de sua primeira competição, cerca de um mês depois participou da sua segunda, onde conquistou o 1º lugar, e uma vaga para o Slam Viral, que considerou uma experiência incrível e de muito aprendizado, também participou de uma competição em São Paulo (Slam da Guilhermina), e foi coorganizadora da integração entre o Rap di Mina e o Festival Decolonial de Rap do projeto Barras Maning Arretadas, atualmente se concentra em colaborar na gestão do Slam Mossoró (que é a competição de poetry slam de sua cidade), e como coorganizadora do slam estadual, o Slam RN, bem como em outros projetos e oportunidades que estão surgindo ao longo da sua trajetória.

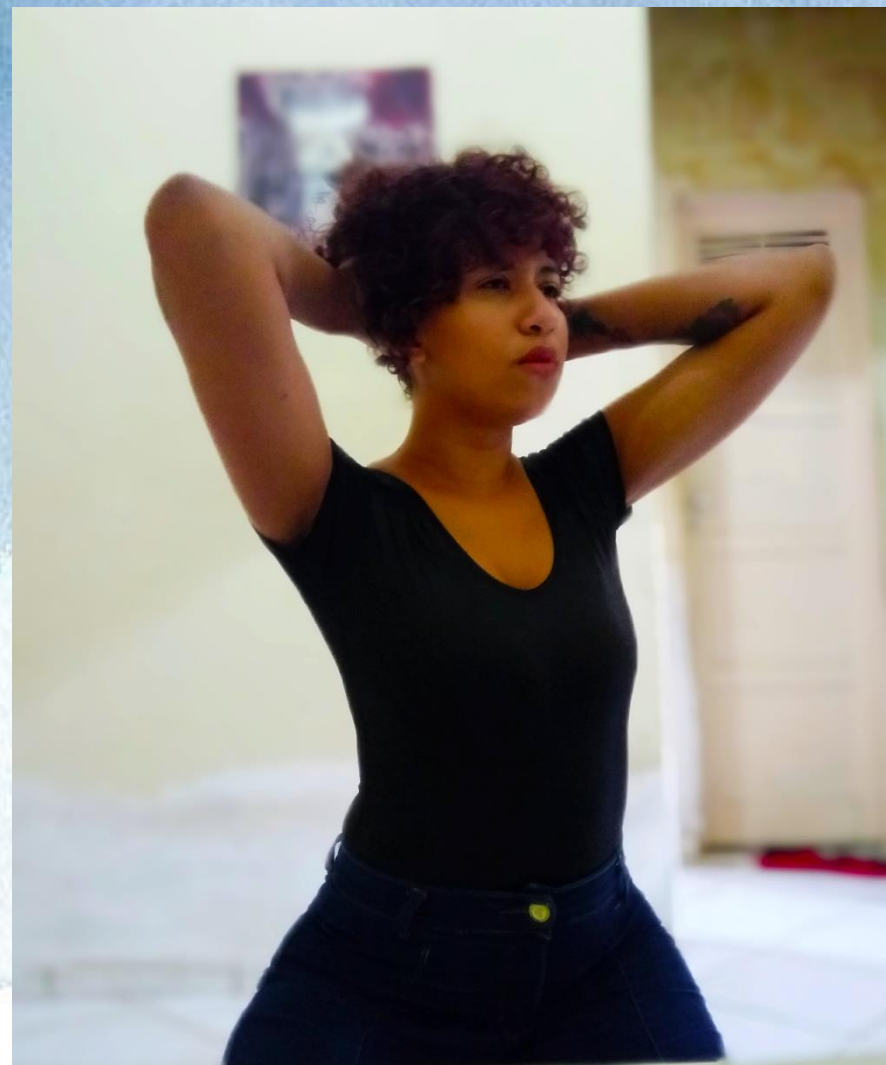






Foto: jhonnysilvaft  
Natal-RN/202



@laromoonart



VIDAS NEGRAS AINDA  
IMPORTAM

Arte: Laro Moon



PoemaRó

Singela poesia dedicada à amada irmã,

Nova Estrela do Universo:

Rosilda:

pelo que fostes,

pelo que és e sempre serás:

Raios de Sol,

Farol.

NegrAnória d'Oxum

Linda Ró,

era uma vez...

Negros olhos cor da noite

Cabelos pretos, sedosos, lindos, lindos.

RosaRó:

Suave, serena, sorri:

Abre os braços. Olha ao redor:

- Onde estou?

- Cacá? Pergunta.

Os astros respondem:

- Silêncio, sintá...

Rara-Ró levita, levita...

Raios de sol iluminam a negra tez

Melodias novas embalam sonhos seus.

- Onde estou? Indaga...

Lado de cá,

Rios e mares, choro.

Sua viagem, corto.

- Ró? Ró! Por quê?



Lágrimas joradas sobre a terra seca,  
Desassossego.

Sonho?

Ró, ao longe, mira...

Admira, suave, serena...

Leve, leve, sob os céus

Imersa em lágrimas,

Estou.

Ró transita.

Parentes, amores, procura...

Serena.

Sono profundo, depois.

Tenta acordar.

Desperta:

- Onde estou?

Aprisionada em minhas lágrimas, vai-volta:

Onde estou??

Mira ao longe,

parentes, procura, procura...

Sono profundo... Pesadelo?

Transe? Talvez...

Fração de segundos

Visualiza Ró:

Rios e lágrimas,

Alaga-se.

Engasga.

Turbilhões de emoções exaure, expurga.

E a vida vibra, voa, voa...

Translúcida, insurge.



Afagos, amores...

Ró...

Segundos em frações, visualiza:

RosaRó, linda menina...

Pés descalço sob a terra fofa

em rios e mares,

n'areia suave, brinca.

Menina Ró:

teias e tempos, rasga.

Corre solta sob a chuva

Adolesce

Sonha, chora, sorri.

Rosa-Ró.

Sorri de si.

Doce-Ró:

Entre cobras, passeia.

Tristezas, vomita.

Reage, alarga-se, reluz

Odores outros, exala:

Jasmins, alecrins, alfazemas...

LindaRó,

Adulesce.

Caminha, caminha...

Perigos, supera

Viaja em livros

Saber, sabor e alegrias, exprime.

Mas...

Covid-21

Rosa rara

Menina-moça-mulher

Do sono, às travessias:



Serena, suave:

Transmutou.

Mas,

Amada Ró..

A dor em mim dilata, devasta, devora.

Rosa-Ró acolhe, acalenta.

Lágrimas e rios

Reajo.

Rosa-Ró,

Rosilda

Vida nova.

Liberto.

...

NegrAnória d'Oxum

BA, 25/02/21



Dedicamos esta revista  
à professora  
**Rosilda Alves Bezerra**







SIAM